

Histórias desenraizadas: identidade e dupla consciência no Facebook.¹

Renata Luzia Feital de Oliveira

Doutora em literatura comparada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Rio de Janeiro. RJ. Brasil.
Contato com a autora: rlfeital@gmail.com

Resumo: O artigo pretende iniciar uma discussão sobre pessoas que estão em trânsito, desterritorializadas, vivendo intensos deslocamentos e que, por meio das novas narrativas digitais nas redes sociais, exteriorizaram um sentimento de duplicidade, denominado dupla consciência. Para isso, contou com as narrativas que estão publicadas na interface do Facebook, uma rede social que estimula relacionamentos virtuais e trocas de informações simultâneas.

Palavras-chave: Desterritorialização. Dupla consciência. Redes sociais. Facebook.

Abstract: Stories uprooted: double consciousness and identity on Facebook. This essay aims at initiating a discussion of people who have been in transit, deterritorialized, living intense displacements and have externalized a feeling of duplicity, known as double consciousness, through the new digital narratives on the social networks. For this, he was assisted the narratives found in the interface of Facebook, a social network that encourages virtual relationships and simultaneous exchange of information.

Keywords: Deterritorialization. Double consciousness. Socials networks. Facebook.

¹ Nota Prévia: Este artigo é fruto dos estudos realizados na linha de pesquisa Estudos Contemporâneos em Comunicação – Práticas discursivas e construção identitária na mídia desenvolvido na FACULDADE CCAA

Introdução

Imagine-se longe da sua pátria, precisando se adaptar a uma cultura estranha aos seus hábitos. Distante de sua família, amigos, língua. O exílio sempre teve uma conotação negativa e foi considerado uma experiência desconfortável e, por vezes, perturbadora para muitos indivíduos, obrigados a deixar suas referências nacionais para lidar com sentimentos de alienação, perda, nostalgia e, conseqüentemente, problemas de pertencimento, identidades e linguagem. Hoje as pessoas estão em constante mobilidade e isso possibilitou a existência de uma consciência mais vibrante sobre sua existência, consciência essa que evidencia uma nova realidade capaz de rearticular todos os espaços, seja a partir da terra deixada para trás, seja no novo lugar ocupado.

A possibilidade de expressão e sociabilidade por meio de ferramentas de comunicação mediadas pelo computador transformou a vida de quem está em constante movimento. Afinal, mesmo estando em um lugar distante, já é possível ao cidadão buscar várias informações no *Google*, conversar com outros migrantes por meio das comunidades virtuais, e, toda vez que sentir saudades da sua terra, ele poderá acionar seu *iphone*, correr para as redes sociais, falar pelo *Skype*, mandar um *tweet* para os familiares, postar no *Facebook* ou checar as atualizações dos amigos no *Instagram*. Na ‘modernidade-mundo’, as culturas já não se realizam exclusivamente no marco de suas territorialidades. O processo moderno de desterritorialização internacionaliza os lugares, diluindo a oposição entre o interior e o exterior (GIDDENS, 1991; ORTIZ, 1994). A partir da segunda metade do século XX, paralelamente à intensificação dos processos de globalização, foi possível construir uma percepção mais otimista em relação aos intensos deslocamentos que aconteceram pelo mundo. A tecnologia colocou à disposição da humanidade instrumentos sem os quais seria impossível conceber a dinâmica social tal qual a conhecemos. Diante de tal cenário, as identidades culturais se transformaram.

Entretanto, esses novos meios possibilitaram um mundo que requer uma consciência em movimento, fluida, complexa e desterritorializada, produzindo novas práticas sociais, que contam agora com uma flexibilidade social no espaço físico. Assim, a situação de quem está longe de casa, apesar de continuar uma experiência de certa forma traumática, agora pode ser atenuada pelo encurtamento das distâncias que as interfaces e os elementos tecnológicos propiciaram aos indivíduos hipermodernos.²

²A referência utilizada no texto é do filósofo Gilles Lipovetsky e de sua obra, *Os tempos hipermodernos*. São Paulo, SP, 2014. 141

Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v.2, n. 3, p. 141-156, jun. 2014

É com base nesse contexto que o presente artigo pretende discutir a situação de duas pessoas que viveram esses deslocamentos, perceberam-se como portadoras de consciências híbridas, que respaldaram em práticas sociais diferentes dos modelos vividos até então. Consultando a interface do *Facebook* e de alguns *blogs*³ de pessoas comuns, tive acesso a narrativas que exteriorizam, por exemplo, o sentimento de dupla consciência, de indivíduos que foram desterritorializados, reterritorializados, para usar os conceitos de Deleuze e Guattari (1995) e narraram suas experiências nesses não-lugares⁴.

Deslocamentos, novas identidades e o sentimento de pertencimento em um mundo globalizado

Viagens facilitadas por meios que se aprimoram constantemente, turismo em alta no mundo cosmopolita, o cidadão está em constante movimento, seja por ter se tornado um refugiado, por viajar profissionalmente, por querer descobrir o mundo, como os aventureiros do século XV, por manter um estilo de vida ou simplesmente para conhecer outras culturas, como sugeriu o inglês John Urry (2007) ao estudar as mobilidades no mundo contemporâneo.

Paulo, Barcarolla, 2004. Em linhas gerais, Lipovetsky passou a utilizá-lo primeiramente porque “o rótulo *pós-moderno* já havia ganhado rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia”, uma vez que os cenários contemporâneos, principalmente a partir da década de 80, passaram a apresentar diferenças importantes em relação aos da época primeiramente qualificada com tal expressão (a partir de 1950) e ainda porque o “*pós* de *pós-moderno* ainda dirigia o olhar para um passado [a modernidade] que se decretara morto”, e tal definição continuava dando a entender que as características do momento atual haviam sucumbido às delineadoras deste “passado”, isto é, da época moderna, pensamento, segundo vários autores, em grande parte equivocado. Para o autor, “hipermodernidade” é uma expressão coerente para definir esta nova experiência de vida, vista por ele também como a terceira fase da modernidade, já que ela se caracteriza principalmente pela intensificação de diversas situações já observadas na modernidade, a saber: o capitalismo, agora “hipercapitalismo”; o individualismo, ou autonomia, liberdade, emancipação do sujeito, agora “hiperindividualismo”; o mercado, agora “hipermercado”; o texto ou a informação, agora “hipertexto”, ou hiperinformação, entre outros aspectos. (LIPOVETSKY, 2004, p. 53).

³ *Facebook* e *blog* são ferramentas da internet, serviços de rede social que permitem a seus usuários participar de grupos de interesse comum, adicionar outros usuários, trocar e difundir mensagens, produzir textos etc.

⁴ Não-lugar é um conceito utilizado por Marc Augé (1994), e constitui-se em produtos da contemporaneidade, opõe-se à noção de lugar antropológico. O lugar antropológico se define como identitário, relacional e histórico. Identitário por ser o lugar de nascimento, as regras de residência etc. que compõem a identidade individual. Referências compartilhadas que designam fronteiras marcam a relação com seus próximos e os outros. Em oposição, os não-lugares não se definem como identitários, relacionais ou históricos. Por meio dos não-lugares se descortina um mundo provisório e efêmero, comprometido com o transitório e com a solidão. Os não-lugares são a medida de uma época que se caracteriza pelo excesso factual, superabundância espacial e individualização das referências. AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

A globalização tende a privilegiar tudo o que se desloca, o que se move, o que muda. Para Urry (2000), já estamos vivenciando um novo paradigma do “social como mobilidade”. E é claro, as novas tecnologias de comunicação e informação são os vetores principais desse processo. As imagens que circulam na internet e nos sites das redes sociais sempre vêm acompanhadas de uma narrativa de seus movimentos, e as pessoas respondem a elas. Segundo Urry, “viajar é um dos elementos mais significativos das redes sociais e a distribuição e proliferação das imagens poderá, um dia, substituir o próprio ato de viajar”. Ou seja, para o autor, haverá um dia em que as imagens serão tão boas quanto estar no lugar.⁵

O mesmo se pode referenciar em relação aos contatos pessoais que se modificam em função das mobilidades e do surgimento desses novos meios de comunicação. Os relacionamentos – profissionais, familiares ou de amizade – ocorrem por meio da presença não-física dos outros. Por meio das redes sociais, os fluxos narrativos e as interlocuções dão o tom da vida contemporânea.

Desterritorialização

O mundo globalizado é o reino das corporações transnacionais e gerar necessidades de consumo, seu objetivo. Tudo está em constante movimento. Cultivam-se as incertezas. O sujeito encontra-se fragmentado por não conhecer mais seu lugar no mundo ou talvez por se reconhecer em todos os lugares do mundo. Onde antes havia concentração de indivíduos, o que favorecia a ação política, hoje há dispersão. A desterritorialização é uma característica da sociedade global que se organiza nesse início de século. Impossível evitá-la.

A partir da proposta de Deleuze e Guattari, embora não ligando esses conceitos como se é abordado na geografia, é possível pensar nos conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas. O que os autores se propõem é saber como se dá a construção e a destruição ou o abandono dos territórios humanos, quais são os seus componentes, seus agenciamentos, suas intensidades, para posteriormente entender como isso acontece entre escritores e agentes culturais.

⁵ Entrevista com Jonh Urry concedida a Bianca Freire-Medeiros e Sérgio Carvalho Benício de Mello Lancaster, 8 de fevereiro de 2010. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, p. 203-218, janeiro-junho de 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em 02 jan. 2012.

Para os autores, o território é um agenciamento⁶, um conceito amplo,

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Desterritorialização é o movimento pelo qual se deixa o território, “é a operação em linha de fuga”, enquanto a reterritorialização é o movimento de construção do território (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 24). De acordo com os autores, no primeiro movimento, os agenciadores se desterritorializam, e, no segundo, eles se reterritorializam como novos agenciamentos “maquínicos de corpos e coletivos de enunciação”. As teorias dos autores são amplamente divulgadas e servem para justificar os movimentos atuais das novas configurações territoriais.

O migrante carrega diferentes possibilidades em relação ao “controle” do “seu espaço”, ou seja, à sua reterritorialização, o que inclui também, o tipo de relação que ele continua mantendo com o “espaço de partida”, que se liga às redes de relações sociais, ou, “redes de solidariedade”. As interpretações para a explicação dos processos que perpassam a desterritorialização dos migrantes podem, também, aliar e ser entendidas pelo papel desempenhado por meio das redes sociais, aquelas que são tecidas no “mundo da vida”. Trata-se de relações de parentesco, de vizinhança, de amizade etc., nas quais os grupos interagem no seu cotidiano (RANDOLPH, 1999).

A globalização tem um nítido efeito sobre as identidades. O multiculturalismo é o reconhecimento da não homogeneização étnica e cultural das sociedades contemporâneas. É ele que vai garantir uma demanda pela mobilização dos recursos políticos e ideológicos, tentando assegurar a diversidade e a pluralidade. O mundo está cada vez mais interligado, mas não unificado. Não há culturas passivas, como também não há identidades puras.

É impossível pensar um povo sem identidade, sem nomes, idiomas ou culturas. Castells (2002, p. 23) define identidade como “a fonte de significado e experiência de um povo.” Trata-se de um processo de construção de significados com base em atributos culturais

⁶ “Todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial. A primeira regra concreta dos agenciamentos é descobrir a territorialidade que envolvem, pois sempre há alguma: dentro de sua lata de lixo ou sobre o banco, os personagens de Beckett criam para si um território. Descobrir os agenciamentos territoriais de alguém, homem ou animal: ‘minha casa’. (...) O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’ (...)” (1997, p. 218).

inter-relacionados e que normalmente prevalecem sobre outras fontes de significado. Uma pessoa pode comportar identidades múltiplas, contudo o autor nos sugere que “essa pluralidade muitas vezes acaba sendo fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação, quanto na ação social”.

Quando há intensa mobilidade geográfica e perspectivas distintas confrontadas, as pessoas são obrigadas a lançar mão de estratégias de adaptação. Dessa forma, não temos mais as identidades rigorosas dos lugares (TODOROV, 1999). O próprio processo de identificação, a partir do qual estávamos acostumados a projetar nossas identidades culturais, não é mais o mesmo. Para Hall, ele se tornou “provisório, variável e problemático”. (2003, p. 12). À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, e com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.

Essa pluralidade de identidades encontrou novos espaços de convivência e de comunicação, as redes sociais, por exemplo. Essas interfaces ampliaram os espaços tradicionais de busca de informação, de comunicação e interação, proporcionando aos sujeitos manipular tempo e espaço. Isso alterou, de certa forma, a rotina dos cidadãos que necessitam, por quaisquer motivos, estar em trânsito, conseqüentemente longe de suas terras e gentes. Redes sociais como *Facebook*, *Orkut*, *MySpace*, *Twitter*, *blogs*, entre tantas outras já citadas, assumem cada vez mais relevância, pois tornaram possível o relacionamento à distância entre conhecidos, amigos, parentes, em um ambiente em que a comunicação é possível graças às diversas formas de comunicação, concretizadas mediante conteúdos temáticos, estilos de linguagem e narrativas condizentes com esses espaços de atuação.

Nesses novos espaços acessíveis a boa parte da população, é possível, por exemplo, para quem está longe de casa, rever os parentes, exteriorizar as emoções, crises existenciais, sociais. Aos indivíduos é possível continuar mantendo, mesmo longe, as relações com as comunidades de que já faziam parte, bem como buscar novas experiências, em lugares não-físicos, por meio de comunidades virtuais que podem, inclusive, ajudar na convivência com os novos valores adquiridos.

O Facebook e alguns casos de dupla consciência

O conceito de dupla consciência foi introduzido pelo sociólogo negro W.E.B. Du Bois (1970). O autor descreve a sensação individual de ter sua identidade cultural dividida em várias partes, o que torna difícil ou impossível ser detentor de uma identidade unificada. Du Bois estabeleceu o conceito no contexto das relações raciais nos Estados Unidos. Ele afirmou que os negros americanos viveram em uma sociedade historicamente reprimida, terminando por desvalorizar sua identidade negra ou até mesmo unificá-la à identidade americana. Essa dupla consciência não consegue ser percebida nem no interior dos grupos negros, tampouco pelas pessoas de fora.

Paul Gilroy (2001) retoma o conceito proposto por este autor ao examinar a dinâmica das culturas e identidades negras. No livro *O Atlântico Negro, modernidade e dupla consciência* é questionada a definição de cultura nacional, bem como busca explorar as relações entre raça, nação, nacionalidade e etnia. No cerne de sua análise, o autor recupera o conceito da diáspora judaica para o contexto dos negros. O autor repudia a ideia de uma identidade enraizada, natural e estável. Gilroy mostrou como uma rede de comunicação transnacional criou uma nova topografia da identidade que não leva em conta os pressupostos do Estado-nação e desenvolve outras formas de identificação no tempo e no espaço. A chave para o entendimento de seus pressupostos é o conceito de desterritorialização da cultura. “Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem.” (GILROY, 2001, p. 25).

Nas reflexões teóricas do autor, a dupla consciência surge das experiências de deslocamentos e reterritorialização das populações negras, que determinaram em última instância o sentimento de pertença.

Para conseguir certa autenticidade ao que foi postado no Facebook, mantive o texto dos autores tal como foi escrito, conservando os erros originais, as subversões próprias a esses meios e que propõem uma nova forma de escrita. Alguns fragmentos puderam ser descontextualizados, levando em conta o formato digital em que se encontravam. Outros, contudo, apenas reproduzidos com menção de autoria e data de publicação.

"A minha experiência"

Isto foi sempre uma coisa que me dá sempre uma enorme tristeza falar, porque por mais que eu me considere uma Lisboaeta, alfacinha de corpo e alma, o resto do mundo não me considera portuguesa. Ainda existe um enorme preconceito na sociedade sobre o conceito de nacionalidade. Para muitos, infelizmente, nacionalidade, é baseado não onde nascemos, crescemos e desenvolvemos a nossa personalidade mas é baseado pela cor da pele e principalmente quantas gerações da tua família nasceram em determinado país. No meu caso como os meus pais são caboverdianos e negros, para muita gente eu não sou considerada portuguesa. Eu sempre tive esse problema, tanto em Portugal como no Reino Unido. Em Portugal por mais que eu me sinta em casa em Lisboa, alguns portugueses continuam a ver-me como Caboverdiana, porque é de lá que alguns dos meus antepassados são. No Reino Unido o caso é pior. Não me vêem como, portuguesa ou cabo-verdiana, mas veem-me simplesmente como Africana, como se África fosse um país enorme e não um continente. Tive várias vezes em Lincoln conversas completamente sem sentido e que sempre me deixaram desconfortável. As pessoas mudam, mas a conversa mantém-se igual e começa mais ou menos assim:

–Vens de onde?

-Portugal, de Lisboa

-ohhhh bacano, muito bacano, mas tu não pareces a típica portuguesa

-Não!!!!???

-Sim não é essa a ideia que eu tenho dos portugueses. Mas nasceste em Portugal?

-Sim nasci e cresci em Lisboa

-ahhh ok....E os teus pais vem de onde?

-Os meus pais são cabo-verdianos

-ahh vez então tu não és exactamente portuguesa, és africana

-Sou!???

-Sim porque os negros não vêm da Europa, vem de África por isso tu és africana e não portuguesa A este ponto não sei se me rio se atiro uma cadeira á cabeça dessa pessoa, mas normalmente depois de um pequeno ataque de riso, tento dizer o mais calmamente possível:

-Eu sou e sempre serei Lisboaeta é isso que em parte me define como pessoa, a cultura cabo-verdiana é o que me torna mais especial, e é uma benção para mim fazer parte destes dois mundos e estar exposta ás duas culturas.praticamente, tive esta

conversa com 95% dos ingleses que conheci e com alguns portugueses , mas em Portugal não se fala tanto porque questões de nacionalidade ainda é um assunto tabu e ninguém quer falar do assunto. Apesar de me considerar Portuguesa, o resto do mundo ainda me vê como parte de um grupo, a raça negra de África. Não a raça negra que fez parte da construção de vários países, não a raça negra que já vive em certos países por várias gerações. Mas se és negro não pertences a lado nenhum mas se não no continente africano Estes ideais de nacionalidade são parte ignorância, parte preconceito. Lincoln é um cidade que não tem praticamente minorias étnicas. Continua a ser uma cidade predominantemente branca, talvez por isso seja tão difícil para alguns perceber que a cor da pele não tem lugar no conceito de nacionalidade de um individuo. Á vezes pergunto-me se vivesse em cidades maiores, como Londres, Birmingham, com uma maior diversidade étnica, se continuava a ter as mesmas conversas sem sentido e as mesmas perguntas. No meu caso eu nunca me senti completamente parte da comunidade cabo-verdiana, nem completamente parte da cultura branca portuguesa. Andei sempre nos dois mundos sem pertencer a nenhum. Os meus gostos pessoais no que toca a música, arte, comida, humor é uma mistura dos dois mundos. Eu entendo os dois mundos e isso é uma das maiores benções da minha vida, amo o facto que entendo e faço parte de duas perspectivas de ver o mundo, mas estarei sempre dividida entre os dois mundos. Isso é algo que aprendi a aceitar e a amar. Para mim nacionalidade não tem nada a ver com a cor da pele ou quantas gerações uma família tem num país. Para mim nacionalidade é nascer, crescer num país, sentir-se em casa independentemente do lugar onde esteja. Grande parte do mundo ver-me-á sempre como a eterna estrangeira, que não pertence exactamente a país nenhum só por ser negra. Para alguns não sou portuguesa porque os meus pais são caboverdianos e não são caboverdiana porque não nasci em Cabo-verde. Sou simplesmente Africana. Espero que um dia, as próximas gerações não tem que passar por isto tanto na maneira como o mundo nos vê e como na maneira de sentirmo-nos eternamente entre dois mundos.”(A. L. – relato publicado no Facebook em 14 abr. 2011).

A. L. postula em sua página do *Facebook* o que faz parte da moralidade moderna: *não se sentir em casa em sua própria casa*. Ela sofre o dilema de ser bicultural, de ter uma dupla consciência, e não ser reconhecida nem por uma nem por outra identidade. Essa ansiedade se transforma em narrativas em duas redes sociais: no perfil do *Facebook* e em seu *blog*. O que é

postado na internet tem a sua existência naquele espaço virtual e pode ser visto, copiado por qualquer pessoa, além de existir simultaneamente na memória de vários computadores. Um espaço de existência “para entidades que não têm lugar fixo, mas podem estar em inúmeros lugares ao mesmo tempo.” (SANTAELLA, 2011, p. 179).

Com um celular conectado à internet, uma conta ativa nas várias redes sociais dispostas para o “ciber cidadão”, e uma penca de pessoas que se tornam “amigos” nos círculos virtuais, dispostos a saber sobre seu dilema, bem como comentar, compartilhar, curtir etc. há a possibilidade de se construir uma sociabilidade, transitar por vários espaços e interagir com pessoas de locais e culturas distintas. Se antes a literatura era o espaço privilegiado por captar e levar a público esse jogo de tensões, com o advento dos meios de comunicação, sobretudo a internet, é possível refletir sobre a presença do exílio e dos problemas decorrentes a partir de outras formas de expressão.

Para mim nacionalidade não tem nada a ver com a cor da pele ou quantas gerações uma família tem num país. Para mim nacionalidade é nascer, crescer num país, sentir-se em casa independentemente do lugar onde esteja. Grande parte do mundo ver-me-á sempre como a eterna estrangeira, que não pertence exactamente a país nenhum só por ser negra. Para alguns não sou portuguesa porque os meus pais são caboverdianos e não são caboverdiana porque não nasci em Cabo-verde. Sou simplesmente Africana.

Ao analisar o texto de A. L., presentes no perfil do *Facebook* e no *blog*, é possível detectar sua dupla consciência, além do sentimento de desenraizamento evidente no momento em que a usuária das redes sociais diz não se sentir parte de nenhuma cultura.⁷ A. L. se sente com duas almas, duas consciências, dois esforços inconciliáveis aos olhos das pessoas que convivem com ela. No post em forma de desabafo da jovem estudante, desenraizar é empregado como sinônimo de exilar, de conservar fora do todo, sem participação econômica, social ou política, à margem de tudo. Ela se sente uma estrangeira, a partir da consciência que tem de sua própria diferença. Como nas palavras de Kristeva (1994):

⁷ Euclides da Cunha, no texto “Terra sem história (Amazônia)”, também mostrou como já era evidente essa ideia de estranhamento do local de origem. Euclides chama a atenção para os trabalhadores dedicados à extração da borracha na floresta. Indivíduos a um só tempo nacionais e estrangeiros, exilados em terra estranha sem nunca terem ultrapassado as fronteiras nacionais: “Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa.” (CUNHA, 1994, p. 57).

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória emergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória de estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado. (p. 15).

Indivíduos que possuem uma dupla consciência sentem-se desterritorializados, sofrem deslocamentos constantes e acabam organizando suas vidas de forma diferenciada dos demais.

A estudante de Jornalismo A. L. precisou ir para Lincoln, um território neutro, para que sua segunda cultura ressurgisse com toda força.

Só depois de ter vindo pra Inglaterra é que comecei a dar mais valor á minha outra metade. A cultura cabo-verdiana. Contudo, isto só aconteceu passados muitos meses, de não ver o sol (literalmente) em Inglaterra, Passados muitos meses de não ver os meus amigos, os poucos que tenho; e a minha família. Muitos meses sem poder ir pra casa por falta de dinheiro e poder finalmente acordar com o cheiro da cachupa da minha mãe a um fim-de-semana. Apanhar a comboio na linha de Sintra, para ir ao Rossio passear um bocado e ir desanuviar a cabeça no mirradouro de St. Luzia (A.L. – relato no Facebook).

São essas inquietações narradas nas páginas do *Facebook* ou do seu *blog*, redes sociais que hoje estão à disposição de qualquer um. Nesses *ciber* territórios neutros de certa forma, A. L. procura seus afins, participa de grupos de discussão sobre a identidade cabo-verdiana. Dessa forma, as redes sociais permitem que a estudante possa interagir em sistemas informatizados, promovendo relações entre seus conterrâneos e afins.

As redes sociais podem ser caracterizadas como a melhor representação do conceito de hipermodernidade, já discutido no início desse trabalho. Em torno delas e dos seus usuários são perceptíveis os conflitos, sensações e outros elementos de uma cultura em torno da qual a identidade, o excesso de informação, a desterritorialização e o consumo são demarcações inelutáveis e complexas. Além disso, existe ainda a hiperindividualidade, que estes mesmos sujeitos-mundo cultivam como marca.

É possível usar diferentes funcionalidades que as plataformas das redes sociais oferecem. Há uma multiplicidade de possibilidades de interação, como também uma intensa produção de narrativas no *Facebook*. De certa forma, “meu **Eu**” se efetiva quando falo *on-line* por meio do *chat*, quando publico vídeos, quando publico as fotos de viagens, de uma saída com amigos, quando ponho uma frase no mural que publicize meu estado de espírito ou que achar conveniente. Ao permitir diferentes atividades, o *Facebook* permite ao meu *self*

desdobrar-se em vários e ser copiado e compartilhado para milhares de outras pessoas. A internet tem se mostrado acima de tudo um campo para a produção de narrativas e divulgação de ideias.

(...) Um destes dias andava a procurar grupos de cabo-verdianos no facebook, quando encontrei um que respondeu a todas as minhas perguntas existenciais, em 40 tópicos. O grupo chama-se “you know that you’re a Capeverdean when...” ou Sabes que és cabo-verdiano quando..., grupo criado por Justiniano Rodrigues que me deu a devida autorização para eu partilhar as 40 razões com vocês. (...) Clicas atualizar neste grupo do facebook, e consegues encontrar sempre algum parente teu.” (A.L. – relato no Facebook).

No *Facebook*, os grupos são a prova viva da interação: o veículo da comunicação solidária. Participam aqueles que querem se expressar, aqueles que se reconhecem nos discursos postados, aqueles que concordam com tais aportes. Estar em um grupo possibilita a onipresença, porque é possível estar em todos ao mesmo tempo e de uma só vez. A rede permite isso, estabelecer vidas múltiplas e paralelas e não perder nada em um ponto e nos outros como normalmente acontece *off-line*. Garante-se um espaço seguro para a livre expressão.

O grupo, coração do processo ativo da socialização humana, é a matriz que permite a interconexão. As ideias, valores, condutas, ações e reflexões que nascem nesses espaços são os mesmos que nascem *off-line*, mas sem filtros e sempre mediados. Mediamos, remediamos e hipermediamos. Cada emissor, canal, meio e receptor é a mensagem. O que no grupo flui não são ideias, são pessoas; não são condutas, são motivações; não são ações, mas intenções.

No *Facebook*, tudo se faz visível e esse é o propósito. O mais importante é o que eu digo e a quem eu digo, quem me aceita e a quem eu aceito. *Off-line* todo o esforço é invisível; as amizades, os grupos, as afinidades, os temas e os sucessos compartilhados. Nesse espaço, cada pessoa se torna um narrador, um cronista de sua própria existência, um compilador, em tempo real de sua própria configuração. As narrativas postadas têm a função de dar mobilidade às memórias. Faz do passado um eterno presente, reforça o acontecimento para quem não esteve lá. Colocamo-nos em todos os lugares do mundo, nos sensibilizamos com as realidades diversas e nos tornamos empáticos à atualidade do outro. Um novo imaginário é o que se vislumbra no caminho invisível da rede.

D. M. é uma professora que se auto define na apresentação do perfil do *Facebook* como “uma pessoa que se sente brasileira e portuguesa.” Apesar de ter chegado ao Brasil com

17 anos, ela não perdeu seus hábitos. “Dei um jeito de dividir o que aprendi e a conservar tudo, até hoje não sei como consegui”, conta.⁸ O processo migratório, como vimos, constitui em si um fator de risco, na medida em que reúne alguns elementos de perda importantes para uma boa saúde emocional: da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do consumo de bens, do contato com o grupo étnico e religioso.

Nasci em uma aldeia, na região de Castro Daire, Portugal. Ainda muito jovem vim para o Brasil. Foi muito difícil, a saudade era a minha principal companheira. Com o tempo, fui superando as dificuldades e aprendi a amar o Brasil. A dor da saudade foi-se transformando em uma saudade gostosa, saudável. Sempre presente em mim, minhas raízes, alicerçadas em Portugal, se expandiram para este outro país. Aqui tomaram força, me empurraram para seguir em frente, ainda que com muitas dificuldades, mas que não se constituíram em obstáculo inatingível. Muito jovem, praticamente sozinha, num país estranho, ainda que nele se falasse a mesma língua. Saudades mil de minha família, da minha terra, amigos/as, de minhas comidas, até mesmo da forma de falar (mas eu tinha que ser forte) quis vir para o Brasil. Insisti, em detrimento da vontade de minha Mãe eu vim. Aqui retomei os estudos, me graduei em Serviço Social, fiz a Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Fiz o mestrado em Saúde Pública e Ambiente. Fiz desta formação minha militância na luta pela saúde e ambiente. Militância que fortalece minha prática profissional. Casei, sou feliz e tenho dois filhos por quem sou apaixonada (um casal), que resignificaram minha VIDA, deram-lhe um novo sentido. Minha casa é cheia de coisas de Portugal. Tento fazer dela o meu canto. Meus filhos são brasileiros e se põem a rir muito da decoração. Eu gosto assim. Mas isso não significa que não tenha adquirido os costumes dos brasileiros. Não perdi o sotaque, mas impressionante, consigo falar em português do Brasil também. Aprendi muitas coisas com meu marido e hoje, gosto de futebol, sou Vasco da Gama, claro, e vou aos estádios com ele e com meus filhos. Trabalho na área de ensino e pesquisa em Saúde Pública, sub-área Saúde do Trabalhador. Amo o meu trabalho e, dentre as lutas que incorporo está a luta pelo reconhecimento dos direitos sociais dos trabalhadores “vítimas” do amianto em seu processo produtivo, bem como, pelo banimento total do amianto no Brasil. Fibra assassina, que adoce e mata os trabalhadores e contamina o meio ambiente. Compartilho, junto aos movimentos sociais, a defesa pela saúde da população trabalhadora, de um ambiente saudável, dos direitos sociais, na perspectiva de uma cidadania em todas as dimensões. Meus amigos portugueses dizem que não sou mais portuguesa; mas não adianta eles falarem isso. Me sinto portuguesa e me sinto brasileira também. Como pode? Não sei se pode, mas é assim que sinto. Meus alunos brasileiros dizem que não sou brasileira. Me rio deles. Eu sou os dois, sim sou Portuguesa e escolhi ser brasileira também como minha segunda pátria. Gosto dos costumes brasileiros, gosto até da preguiça brasileira, essa ficção que criaram para nos distinguir. Se aprendi a amar Portugal, aprendi a amar o Brasil. Essa sou eu e espero nesse espaço encontrar muitos portugueses perdidos aí por esse imenso Brasil para trocar experiências e nos levar de volta a nossa terrinha, sem sair desse país maravilhoso que nos acolheu.

(Apresentação de D. M. na página principal do Facebook – acesso em 14 jan. 2013).

⁸ D. M. respondeu perguntas sobre sua biculturalidade, bem como os usos do Facebook à autora por chat e por mensagem no Facebook em 29 jan. 2013.

De acordo com o relato de D. M., é possível detectar a presença de uma vida dupla, tal como foi possível reconhecer nos relatos da portuguesa A. L. Ao se sentir vivenciando um momento de conflito cultural em que é forçada a optar, D. M. não abre mão da cultura de origem, tampouco da nova, que escolheu.

Apesar de tentar reproduzir o ambiente acolhedor do que ela considera ser a sua casa fora de casa, ela adquiriu novos hábitos, como o gosto pelo futebol e pela preguiça, características que, segundo ela, definem nossa identidade nacional. Para responder à clássica pergunta “Quem sou eu?”, que figura nos perfis das principais redes sociais, Dina recorre à nação, ou melhor, às nações de que acredita fazer parte. Contudo, em seu próprio discurso, ela já percebeu que essas identidades nacionais não nascem prontas, mas se apresentam como algo a ser inventado e que passa longe de ser natural. A identidade nacional foi inculcada na vida de D. M. e de todos nós como uma ficção (BAUMAN, 2005), convertida em realidade. E isso não quer dizer que ela seja mentira. Trata-se de um fenômeno que começa pelas elites, mas que precisa dos demais segmentos sociais para se efetivar.

Meus amigos portugueses dizem que não sou mais portuguesa; mas não adianta eles falarem isso. Me sinto portuguesa e me sinto brasileira também. Como pode? Não sei se pode, mas é assim que sinto. Meus alunos brasileiros dizem que não sou brasileira. Me rio deles. Eu sou os dois, sim sou Portuguesa e escolhi ser brasileira também como minha segunda pátria. Gosto dos costumes brasileiros, gosto até da preguiça brasileira, essa ficção que criaram para nos distinguir. Se aprendi a amar Portugal, aprendi a amar o Brasil. Essa sou eu e espero nesse espaço encontrar muitos portugueses perdidos aí por esse imenso Brasil para trocar experiências e nos levar de volta a nossa terrinha, sem sair desse país maravilhoso que nos acolheu. (D.M)

Com o advento da internet, as culturas ficaram mais próximas. A possibilidade de interagir e de relacionar-se com membros da sua família e com os outros conterrâneos em diferentes partes do mundo foi apontada por D.M. como o principal uso do *Facebook*. Segundo ela, seus filhos já estavam conectados e o incentivo por parte dos alunos fez com que a professora criasse uma conta no *Facebook*.

D. M. usa o espaço do Facebook para demonstrar sua saudade, registrar suas memórias. Nesse sentido, ela publica desabafos, registra eventos importantes da família, conversa com seus parentes que ficaram longe, divulga seu trabalho, faz comentários, promove discussões, posicionamentos, tudo o que permita um novo advento da individualização. No caso do *Facebook*, um “Eu” que tem a liberdade de articular-se e falar livremente. Não há um narrador escondido. A foto ajuda a compor essa pessoa que fala e não é apenas mais uma personagem:

D. M. compartilhou um link.

6 de novembro de 2011. Próximo ao Rio de Janeiro

Hoje, almoço em família, comemoração de aniversário de minha filha. Churrasco, aletria e outras cositas mais. Momento de, apesar dos poucos portugueses aqui na família (eu e meu irmão), dei-me o direito de me deliciar com esta música e com esta voz maravilhosa que é Carlos do Carmos. Voz que permeia e encanta ainda mais as imagens da “velha Lisboa”. Encantador a possibilidade de, a tantos mares e tantos ares a nos separar, eu poder passear por essa maravilha, sempre tão presente em meu coração. Sinto, nesse momento, e não riam! o cheiro das castanhas assadas pelas velhas ruas da cidade (estamos no tempo delas). Sinto o cheiro de ALFAMA. Estou lá agora. Bjs para tods e todas, um bom domingo e para quem não gosta de fado desculpem!!!!

(Post de D.M. no seu perfil do Facebook, em 6 jun. 2011).

Fonte: Post de D. M. no seu perfil do Facebook, em 6 jun. 2011 – autorizado para publicação.

O que há em comum entre alguns escritores como Todorov, Glória Anzaldúa, Ferreira Gullar e essas duas pessoas e outros tantos cidadãos que utilizam as redes sociais como uma nova forma de sociabilidade? Além do sentimento de dupla consciência, presente nas narrativas citadas, que surge, sobretudo, em momentos de crise, de afastamento de suas casas, culturas e origens, pode-se relacionar também um forte desejo de expor as representações de suas vidas nos espaços ali envolvidos.

Conforme nossa observação, o exílio foi um lugar comum entre as narrativas. Exílios espontâneos, esses intensos deslocamentos deixaram marcas profundas na América Latina. Muitos cidadãos imigraram ou foram forçados a abandonar sua pátrias, sua língua de origem e sua cultura.

Com o advento das redes sociais, essas narrativas ganharam novos formatos, tamanhos, porém os problemas recorrentes continuaram os mesmos, sobretudo na construção e na desconstrução de novas identidades em trânsito. Ainda que distantes em termos biográficos e estéticos, e guardadas as particularidades dos meios utilizados, as experiências de vida narradas pelos usuários do Facebook exemplificam as contradições vividas pelos escritores desterritorializados. Esses usuários também se tornaram, em meios digitais, “escritores” nômades no sentido tradicional da palavra, porque viajavam permanentemente, foram agitadores e transgressores, que elaboraram nos não-lugares cibernéticos, estratégias de subjetivação, criaram novas identidades em trânsito e conquistaram posições de contestação e confronto, e principalmente expuseram suas condições híbridas e multiculturais.

Finalmente, cabe uma última reflexão. Por meio de “janelas” de programas de computador, conseguimos conversar com amigos em tempo-real que estão distantes, abrimos

outra concomitantemente e conseguimos ler várias correspondências recebidas de várias partes do mundo, em outra janela, a imagem ao vivo de um parente, um amigo, que mora distante, transmitida por meio de uma pequena câmera acoplada ao computador. Nossos vizinhos agora estão mais distantes do que nossos amigos desterritorializados. São os espaços que estão sendo re-inventados. A comunidade deixou de ser a vizinhança. As comunidades estão deslocadas da realidade geográfica tradicional. O ciberespaço é, por excelência, um não-lugar que possibilita uma movimentação, que não se restringe a dimensão concreta do termo. Nesse sentido, a movimentação acontece por meios tecnológicos, algo que excede a dimensão físico-territorial. É um espaço de circulação de informação, de comunicação, um espaço virtual que não se opõe ao real. As redes sociais hoje estão sendo usadas como um espaço que catalisam os afetos, emoções e subjetividades. As mídias se transformaram hoje em espaços que orientam a nossa realidade física.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** - a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CUNHA, Euclides da. Terra sem história (Amazônia). In: **À margem da história**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.

DU BOIS, W.E.B. **The souls of the black folk**. New York: Vintage Books, 1970.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. Editora UNESP: São Paulo, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro:** modernidade e dupla consciência. São Paulo: RJ 34/Universidade Candido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Trad. de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte. 2003

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RANDOLPH, Rainer. Sociedade em rede: paraíso ou pesadelo? **GEOgraphia**, Ano 1, n. 2, , Niterói. 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 2ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2011.

TODOROV T. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

_____. **Sociology Beyond Societies: mobilities for the twenty-first century**. London: Routledge, 2000.

Recebido: 27 abr. 2014

Aprovado: 29 maio 2014